

Jornal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 28500 réis; Semestre ou 26 numeros, 18500 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 11 DE JUNHO DE 1882 — N.º 16 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 75000 réis; semestre ou 26 numeros 48000 rs.; trimestre ou 13 numeros 28000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. **Lino & Firo**, Rua do Ouvidor.

SUMARIO

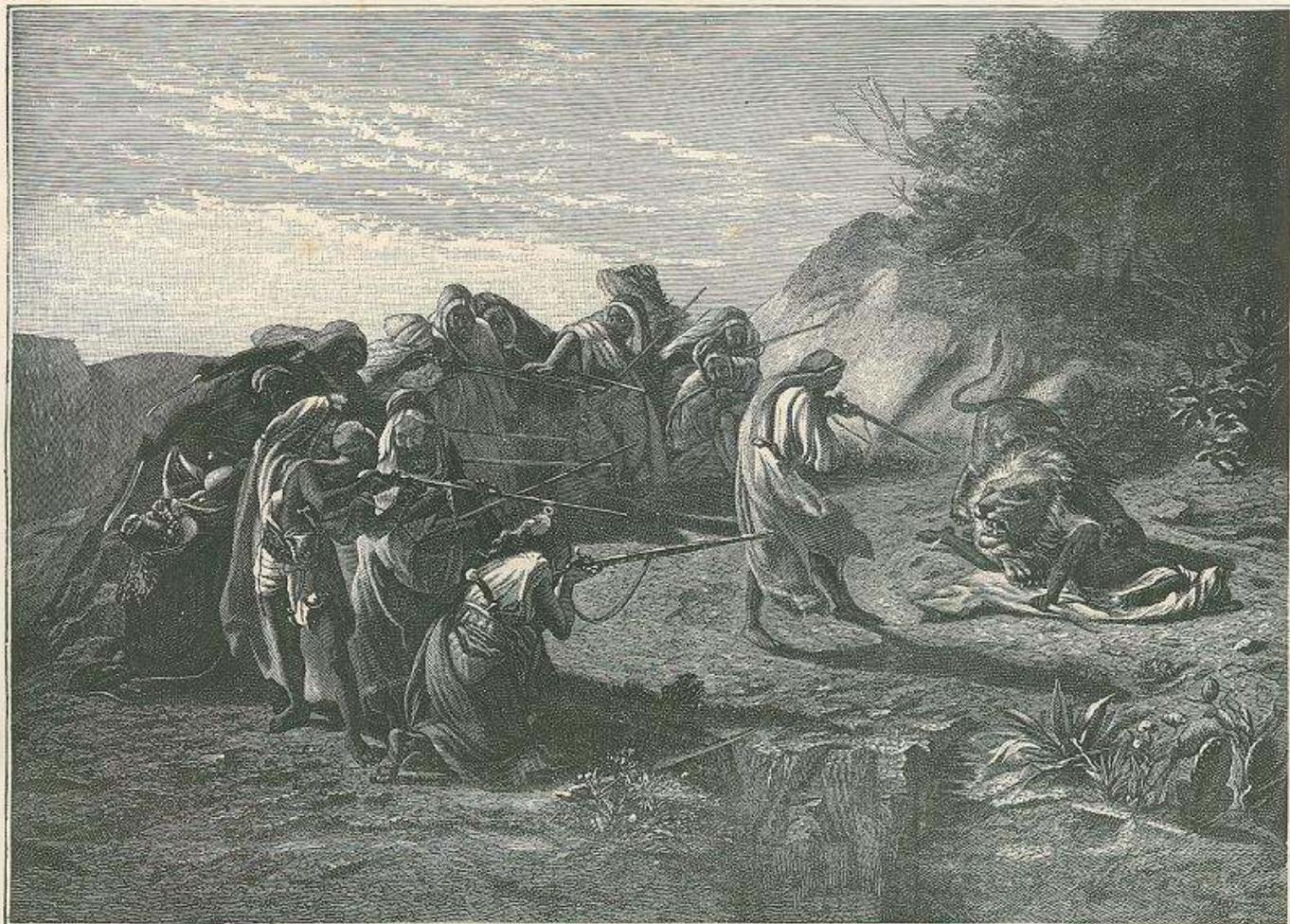
GRAVURAS:— A caça do leão na Arabia. O quarto de hora de Rabelais. O baptismo do primeiro rei da Hungria. Dór e desespero (gravura do romance).
TEXTO:— Actualidades, por Marcellino Mesquita. As nossas gravuras, por P. C. Os dois desertores, por Moura Cabral. O segredo de Clotilde, por Marcellino Mesquita. Rosicler, por J. d'Araujo. Horas d'ocio. Passado tenebroso

EXPEDIENTE

A partida de Marianno Pina para Paris, privando-nos da collaboração de um dos tres chronistas, que, tomando por pseudonyms as palavras fatidicas do festim de Balthazar, deleitaram durante uns poucos de mezes os leitores do *Jornal do Domingo*, obrigou-nos a procurar quem o substituisse, e aprovei-

támos o ensejo para refundir completamente a organização das nossas chronicas, augmentando o quadro dos collaboradores d'essa secção, de modo que a cada um caiba uma das semanas do mez. Ao mesmo tempo pedimos-lhes, que arrancassem as mascaras, e será com os seus verdadeiros nomes que figurarão d'ora em diante nas nos-

sas columnas Urbano de Castro, o espirituoso Tekel, Gervasio Lobato, o scintillante Pharés. Dois novos escriptores se lhes associam—Marcellino Mesquita, que os nossos leitores já conhecem como brilhantissimo poeta e que vão agora apreciar como prosador, e Gomes da Silva, um dos mais notaveis talentos que ultimamente despontaram no



A CAÇA AO LEÃO NA ARABIA

nosso horisonte litterario, e cujas chronicas parlamentares, publicadas na *Democracia* e firmadas com o pseudonymo de *Justus*, nos causaram verdadeira impressão, e nos inspiraram a idéa de o convidar para ser um dos nossos chronistas.

Estamos convencidos que os leitores nos agradecerão o termos feito esse convite.

E aproveitamos o ensejo para enviar um bom e saudoso aperto de mão ao nosso talentoso collaborador, Marianno Pina, o *Mané* do *Jornal do Domingo*, que vai aproveitar agora em Paris as suas brilhantes qualidades de observador, e enriquecer a *Gazeta de Noticias* com a sua colorida prosa.

O GERENTE.

ACTUALIDADES

As nuvens grossas e prenhes, de phantasticos aspectos e ventres cheios, que corriam com uma velocidade feroz do sudoeste, passando por sobre as nossas cabeças, fazendo chorar docemente os beiraes rubros dos telhados, sumiram-se, enfim, dispersas pelas nortadas rijas, que as esbatiam e adelgaçavam, em chatas manchas pardas, sobre o fundo lamacento d'um ceu d'estanho.

Como cioso de seus foros invadidos, o sol começa ardente, a fustigar-nos com as settas mordentes dos seus raios de ouro, enquanto a vasta cidade de Ulisses, onde o azeite é um sonho e a hygiene uma chimera, nos envolve em ondas asphixiantes do pó denso dos seus maddam.

Começamos a entrar na segunda estação da nossa abençoada capital—a estação de *estufa*.

No inverno, a estação de—*lina*—, o mortal que se aventura pelos corregos alpestres dos seus passeios, ha-de necessariamente lavar os pes até aos tornozellos, enquanto as biqueiras dos predios se encarregam de o encharcar dos tornozellos para cima. Um consolo!

De verão, o sol dardeja sobre as paredes burquezmente caiadas, envolvendo-nos n'uma atmosphera de 10.º e tornamo nos assim plantas de estufa, ambulantes, languidos e indolentes como um negro sob os palmares umbrosos.

Por fora, as lufadas ardentes do deserto crestam-nos as faces; por dentro, o municipio zeloso, para equilibrio de temperatura, acaba de nos alcançar o summo bem de 41.º, produzidos pelo typho exaustematico, a gloria do céu, com viagem rapida detres ou quatro dias.

Abençoado!

Esta differença extraordinaria de temperatura revela-se claramente nos nossos habitos, na nossa actividade, nas nossas ideias, sobre tudo, nas nossas aspirações. De verão somos todos mysticos; de inverno, mundanos, mortaes, profanos.

É do calor: as raças do meio dia são vivas, inquietas, ousadas, buliçosas; as raças do norte, frias, regradas, calculistas, mathematicas.

De inverno, os nossos poetas calam-se, emmudecem. Chega o verão; o ar sadio dos campos enche-lhes os pulmões; os largos horisontes, vastamente illuminados, aquecem-lhes, ampliam-lhes o cerebro. É

esperar-lhe a volta: os seus livros, as suas canções, as suas lyricas, revelam-nos que cantaram, por lá, pelas alamedas, como rouxinoes em noites de primavera.

Pelas praias, pelos thermas, pelas quintas, cuja cazaria branca alveja nas encostas dos montes, cercada de carvalheiros annosos, ressaltando nas largas manchas escuras dos pinhaes gementes, a vida despe-se da pequenez mesquinha, das mil intrigas, das mil banalidades cidadãs e corre, pura, limpida, sem convenções balofas, sem etiquetas massadoras, digna, humana, enfim.

O inverno, a que elle nos reduz! Que vida? Levantar tarde porque a agua fustiga a vidraça e o vento assobia nas frinchas da janella: á tarde o cavaço do café, bulhento, cheio de fumo, insalubre, a enchermo-nos de alcool; á noite, no restaurant, a ceia lauta, bem quente, os ponches, d'uma luz lugubre, o *cognac* louro, o *menthe* incolor, o absintho opalino, e ao lado, um calorifico terrivel, uma gargalhada argentina, vibrante, com um estalar de ossinhos de perdiz, ou um ferver alegre de pequeninas bolhas que sobem chocando-se, que se cruzam, volteam, boiam e estalam, n'uma pequena taça de crystal facetado e limpido.

Tudo isto n'um prazer intimo, bom, animal, instinctivo, material. Shocking!

Chega o calor: as ideas profanas somem-se; por detraz dos bastidores, as curvas das dançarinas mergulham-se na sombra. As ribaltas apagam-se; alongam-se os collos; as azas de papellão das fadas, os punhaes vingativos, os mantos de chita, recolhem-se ao guarda-roupa.

A nossa imaginação exalta-se; tudo o que cheire, a mundo, diabo e carne, despe-se por importuno, á noite, as estrellas brilham ferozmente nos espacos; a nossa alma sobe até Deus. Começamos a divagar em extase, pelos montes, pelos terraços das habitações, pelos rochedos á beira-mar.

Os santos influenciados pela causa geral, fartos do frio mortal das naves sombrias, do cochichar das beatas, da voz roufenha do prior, pedem nos para dar um passeio, para tomar calor, luz, ar.

Começa o periodo mystico. Agarramol-os, fazemol-os andar, uns de andor, outros a cavallo, por essas ruas; mostramos-lhe os melhoramentos, reiteiramos os protestos da nossa estima, da nossa alta consideração. Affirmamos-lhes que nunca nos esqueceremos d'elles, que estamos sempre as suas ordens e que se não vãos por lá levar-lhes o nosso obuito, e porque, enfim, o parlamento está aberto e recebermos algum adicional de tantos por cento... depois, rematamos por pedir a S. Quiteria que tenha conta nos caes damnados, a S. Jorge que entregue mais um requerimento a nosso favor e que se não desfaga da lança, nem do homem de ferro, porque ninguém sabe para que está guardado n'este mundo, ou na Sé.

Pobre S. Jorge, como tu te indignarias, ao ver a figura que te fazem fazer todos os annos, se te podeses indignar.

Como é ridiculo, ver-te cambalear, hirtto, rigido, na sella, tu que devias ter a firmeza elegante dos torneadores antigos. Como é ridiculo fazer-te empunhar uma lança irrisoria, tu que devias ter um braço onde o montante flamejasse, um braço de Nuno Alvares, um braço de Duguesclin. Como te ridiculizam valente!

Não te admires. Alem, na Italia, em Caprera, n'uma pequena e solitaria ilha que o mar thyrreno banha, dorme, á estas horas, um heroe como tu, um valente, provado em cem combates, condecora-

do pelas cicatrizes, cuja espada rasgou horisontes novos de liberdade e amor.

Valente até á temeridade, bom como uma creança, desinteressado até á abnegação, grande como um semi-deus, tornou-se credor da estimã das nações, da veneração d'um seculo, da apothese do futuro.

Dorme; é o somno eterno, ante o qual a justiça deve pousar a sua corôa de perpetuas e entrelaçados louros.

A este homem, cuja morte, tem arrancado lagrimas ao mundo, negámos, nós, a dôr, o sentimento, o luto.

Não te admires que te ridiculizemos a ti, nós, que cuspimos ainda hoje, sobre os cadaveres mal frios, dos benemeritos, dos heroes, dos gigantes.

MARCELLINO MESQUITA.

AS NOSSAS GRAVURAS

À caça ao leão na Arabia

A proposito de uma gravura, que publicámos, representando *uma mulher turca*, dissemos que o seculo dezenove analysador, positivo, realista está fadado pelo destino para roubar-nos as poucas illuções, que existiam para nós em regiões mais vagas e vaporosas.

Assim é que os europeus imaginavam o harem pouco mais ou menos como os mussulmanos pintam na imaginação o setimo ceo do seu propheta, povoado de formosas huris.

Vieram as descrições de viagens, os estudos feitos pelos bisbilhoteiros do seculo, que de tudo falam, de tudo escrevem, em tudo mettem a sua colherada, e a mulher turca perdeu a aureola da poesia, que a cercava, foi submettida á craveira, e passou a acompanhar o commum da humanidade perdendo-se na vulgaridade dos typos mais prosaicos d'este mundo sublunar.

Com o leão succedeu o mesmo. Desde que os viajantes começaram a conhecer-o de perto, e os caçadores intrepidos principiam a medir-se com elle e a surprehendel-o na toca, o rei dos animaes perdeu noventa por cento do seu prestigio.

Apezar da força prodigiosa, dos dentes afiados e das unhas terriveis, da physionomia ativa, e do porte orgulhoso, está provado que o leão é mais prudente do que bravo.

De sorte, que hoje quem *almoça bifés de leão* já não é o valentão capaz de varrer uma feira e que não volta a cara ao mais pintado; mas o sujeito, que tem amor ás costellas, que não *rapa do casse-tête* e *apanha dois pontapés*, porém trata de evitar questões, em que o lombo pôde correr algum risco.

Segundo a opinião do celebre caçador Delegogue, e do respeitavel doctor Livingstone, o leão não passa de ladrão nocturno, que fica atrapalhado com a luz, e que foge amedrontado pelo latido dos caes, pelos gritos do homem e por uma chicotada a tempo.

O que elle anda conserva, quasi immaculada é a antiga reputação de generoso.

Só depois de velho é que principia a gostar de carne humana. Não se sabe se é porque se torna mais *gourmet* com a idade, e prefere então as iguarias mais raras e exquisitas, ou porque lhe é impossivel matar a *caça brava*. . . Seja como fór, o leão que ataca o homem, é sempre leão velho. Quando algum, chegando a vencer o medo, que o homem

lhe inspira, se aventura a entrar no povoado e roubar cabras, ou porcos, ou ovelhas, os habitantes dizem logo: *tem as unhas gastas, e os dentes abalados, e não tarda a matar alguém*. E sentindo a necessidade de se defenderem partem immediatamente para lhe dar caça.

O pintor Coessin de la Farce representou n'um quadro uma d'essas caçadas com talento verdadeiramente notável. O leão, que estava escondido por detrás de um montículo, á espera da preza, lança-se como um raio sobre o homem, que se destacou do grupo, para servir de batedor. Os companheiros tomados de susto, unem-se e preparam-se para descarregar sobre o terrível animal.

Mas é praxe seguida no deserto, que ao parente mais proximo da victima compete arriscar-se e salvar-a das garras do carnívoro.

Obedecendo a esse costume está um moço arabe, sósiinho, fazendo frente ao leão, e os outros de espingarda á cara, estão promptos para socorrer o em caso de perigo.

◊ quarto de hora de Rabelais

Sabem qual é a significação d'esse terrível quarto de hora, cuja historia seria longa de narrar, e não viria a proposito? O quarto de hora de Rabelais é o quarto de hora em que se paga, um formidável quarto de hora que se segue a todas as alegrias, a todos os prazeres do mundo; mesmo aos que não tem preço nem cotação no mercado, porque tudo se paga no mundo, tudo sem excepção alguma. O que não custa ouro, custa lagrimas, o que não custa dóres, custa remorsos, tudo se paga mesmo as alegrias innocentes e santas, porque uma lei ignota de compensações faz com que não haja no mundo jubilos sem travo, nem mel sem amargor.

Deus do céu! mas como nos fomos mettendo por altas considerações philosophicas, quando o assumpto era tão comestivo e siavelo. Para aquelle pobre garotito que se acha de cara tão atrapalhada diante do vendedor de castanhas, ou de alguma golodice semelhante, que lhe pede o dinheiro antes de lhe entregar as mercadorias, o quarto de hora de Rabelais souo muito mais cedo do que é costume. Com os seus ares pimpões e desembaraçados de garoto aventureiro, pediu uma porção de castanhas, fiando-se na sua imaginação ou nas suas pernas para quando chegasse o momento solemne do pagamento. Muitas vezes escaudado, o velho mercador não se deixa ja despojar com essa facilidade, e não entende negocio que se não faça como os tratados internacionaes, com o texto em castanhas na mão direita, com a versão em dinheiro na mão esquerda.

Do ut des, diria elle ao pequeno, se soubesse latin.

O pequeno, que em latin é que tencionava despedir-se, fica perfectamente atrapalhado com a intimação. A sua cara está deliciosamente apanhada pelo author do quadro. No desapontamento profundo, e na physionomia humilhada e tímida do pequeno como que se lêem perfectamente os ares pimpões que precederam a expressão actual. Está excellente da mesma forma a cara maliciosa do vendedor, e não são menos expressivos os typos dos dois collegas a quem o rapazote dissera: *Querem vocês apostar em como eu engazopo o homem das castanhas?*

O pezar de verem humilhado o seu collega sobrepuja n'aquellas almas infantis, eivadas ja dos vicios dos homens, o desgosto de perderam e seu quinhão na preza. Mas acima de tudo o que mais nos captiva é a cara do heróe, ou antes da victima da scena:

não podem ser mais perfectamente apanhados todos os lineamentos, ainda os mais fugitivos, da expressão de um sentimento.

◊ Baptismo do primeiro rei da Hungria

A scena que a nossa gravura representa passou-se no seculo X. Vaye, duque dos Hungaros pagãos e ferozes, abjura o paganismo, abraça a lei christã, e recebe o baptismo das mãos de Santo Adalberto. Ao receber o baptismo tomou o nome de Estevão, o papa Silvestre II, ufano com essa nova conquista dos apostolos christãos, outorga a Estevão o titulo de rei, e envia lhe uma corôa que os descendentes de Estevão guardaram preciosamente, que ainda ha pouco tempo o actual imperador de Austria e rei de Hungria pôz na cabeça, quando foi a Buda-Pesth sancionar com a sua coroação o pacto fundamental do recente dualismo austro hungaro.

Quando os principes barbaros accetavam assim na idade media e com toda a solemnidade o baptismo christão, era raro que não tivessem um fim politico. A religião christã era, por excellencia, a religião civilisadora, a religião organisadora das sociedades. Por isso os principes barbaros, que aspiravam a reduzir as tribus que governavam a um estado regular, começaram logo por accetar as aguas regeneradoras do baptismo. Foi o que fez Clovis com os Francos, foi o que fez Estevão com os Hungaros. Estevão que a igreja canonisou depois. Mas, sejam quaes forem os fins politicos que dictam essas conversões, é certo que ha um quê de tocante e de glorioso para a igreja n'essas scenas magestosas, em que um chefe barbaro, que não conhece outro direito senão o da força, outra lei senão a da espada, curva a sua frente orgulhosa diante de um humilde homem de paz que empunha, em vez de gladio, o baculo a que se encosta, que tem como bandeira não algum symbolo de gloria e de conquista, mas a cruz, symbolo de humilhação e de vilipendio, que derrama sobre a fronte dos convertidos não algum philtro maravilhoso onde a credulidade dos barbaros imagine que estão encerradas secretas e poderosissimas virtudes, mas a agua limpida das fontes e dos rios a que dá virtude apenas a palavra do padre, que faz d'essa lymph purissima o symbolo da regeneração moral. Esta scena é verdadeiramente grande, e representa o progresso immenso que o christianismo veio trazer ao mundo. Na antiga Roma o pontificado era um dos privilegios da aristocracia, e as classes patricias tinham a par da supremacia social a supremacia religiosa: o christianismo deu muitas vezes aos filhos do povo a tiara de summos pontífices, fez dos representantes de Christo os representantes de uma superioridade moral até então desconhecida, e diante da qual se curvaram os poderosos da terra.

A idéa democratica entrava no mundo de parçeria com a nova idéa religiosa.

OS DOIS DESERTORES

Estou d'aquí a vê-lo, d'uma seriedade diplomática, fardado, chapéu de dois bicos, chanfalho... perêdão! espadim á cintura, bigodes *en croc*, attendendo e tutelando varios patricios que pretendem os seus khons serviços...

— Ah! se eu pudesse segredar-lhe: já te conheci, és o Jayme, fazias versos, usavas côco e tinhas uma lyra lá em casa...

— Não, não! responder-me-ia elle com a sua voz em falso, comprometido, corado, disfarçando-se diante d'um grupo de negociantes interessados no phylloxera, nos vinhos, nas pautas aduaneiras, no diabo.

E eu havia de o vexar, insistiria em que elle tinha uma lyra, pelo menos um alaúde... Sim, senhor, tinha um alaúde... E como elle o tangia, meus senhores... Quando elle soltava as suas endeixas... eu sei lá, aquillo era da gente chorar por mais...

Aprumando-se nos seus tacões, solemne, grave, elle affirmaria que era mentira.— Pelo amor de Deus cale-se, você desacredita-me (*a meia voz*) não diga que faço versos que é um pessimo réclame... (*alto*) Poetas, poetas... se eu até embirro com elles...

Mas quando se recolhesse ao seu quarto, atirasse com o chapéu armado para o cabide, pozesse o *sabre* a um cantinho e me abraçasse, como nós ririamos, como elle apreciaria o meu cavaco e havia de me pedir noticias da sua patria.

— Ah! meu amigo, exclamaria elle, que saudades do meu paiz... Ha um mez que não oigo o *Noivado no sepulchro*, como isso me tem atrazado a digestão! ás vezes apparece-me o Justino em sonhos saracoteando-se n'uma valsa vertiginosa!... que noticias me traz do meu Tejo?... e o *Deficit*, como está elle? deve estar mais crescido. Olhe, meu amigo, falle-me agora no alaúde que até me faz bem...

E desembucharia tresentas poesias que trazia recolhidas para não assustar o seu povo.

— Como me tem custado a suster sem recitar a estes senhores um sonetinho sequer. E os officios, com o competente—Deus Guarde, com que difficuldade elles têm saído da minha mão, sem um bocudo de colorido, sem uma nesga de paysage! O que tem valido a esta gente é o seu bom caracter, senão... senão já lhes tinha recitado todo o *Camões*, toda a *Morte do Atheu*, todos os *Adagios e allegros*... Mas, enfim, acima de tudo a patria... Olhe, venha aqui á janella; a bandeira bicolor e as armas portuguezas. No piano já toco o hymno da Carta. Ainda não tive tempo de ir a Paris. Tantalos não soffreu mais. Aqui, tão perto, á mão de semear, um passo do sr. Nazareth... e sem um bocadinho de meu para lá dar um salto... Ai, meu amigo, e dizem-me que ha lá cousas tão boas!

Ainda não ha muito que elle era certo na casa Havana ás quatro da tarde, e á noite em Carlos, estendido no seu *fanteuil* cantarolando o seu bocudo com os côros... E depois as suas magnificas chronicas musicas no *Diario de Portugal* e no *Economista*, e as suas correspondencias para a *Folha Nova*, e as suas actualidades no *Jornal do Domingo*, uma prosa scintillante, caprichosa, humoristica, chicoteando todos os ridiculos d'aquella tristissima epoca lyrica de 81-82, brincando com os assumptos mais escauros, aguçando o appetite difficil dos seus leitores, que de manhã procuravam, avidamente, o nome de Iriel e de Oberon...

E os seus versos?...

Jayme de Seguir não faz versos pelo simples capricho de mostrar que os sabe fazer; e quando lá dentro alguma cousa o impelle a saltar sobre os costados de Pégaso, e a esporeal-o pelas avenidas douradas do Ideal, é quando junto á sua alma vive uma alma de mulher bella, que o picou com as suas risadas de crystal, com os seus olhos faiscantes, n'um serão elegante, n'um theatro, n'um baile.

Advinha-se nos seus versos o seu viver aristocrata, percebe-se que o seu espirito saltita e devaneia entre as sedas decotadas de grupos innocentes, esvoaça e tremula sobre os collos pequeninos e tumidos das raparigas do bom tom, que ora voltam como andorinhas nos bailes perfumados, onde Macario é um deus, ora se baloicam, languidamente, como odaliscas preguiçosas, nos ramos fortes dos castanheiros de Cintra.

Como elle me faz falta, como me faz falta o seu braço para irmos Chiado a baixo, n'uma cavaqueira de amigos, e aqui me recitava uns versos com que acordara na vespera, ali improvisava um jantar no hotel Bragança ou n'uma barraca da feira, segundo todas as regras de Savarin ou do Pinxa.

Quando as folhas do paiz preveniram todos os por-

tuguezes de que Jayme de Seguíer tinha sido nomeado consul de Portugal em Bordens a multidão dos amigos applaudiu, e a dos invejosos teve só esta exclamação de despeito: tão novo...

Procurára um escândalo, não o encontrára. Elle tinha talento, tinha actividade, era trabalhador, era só-

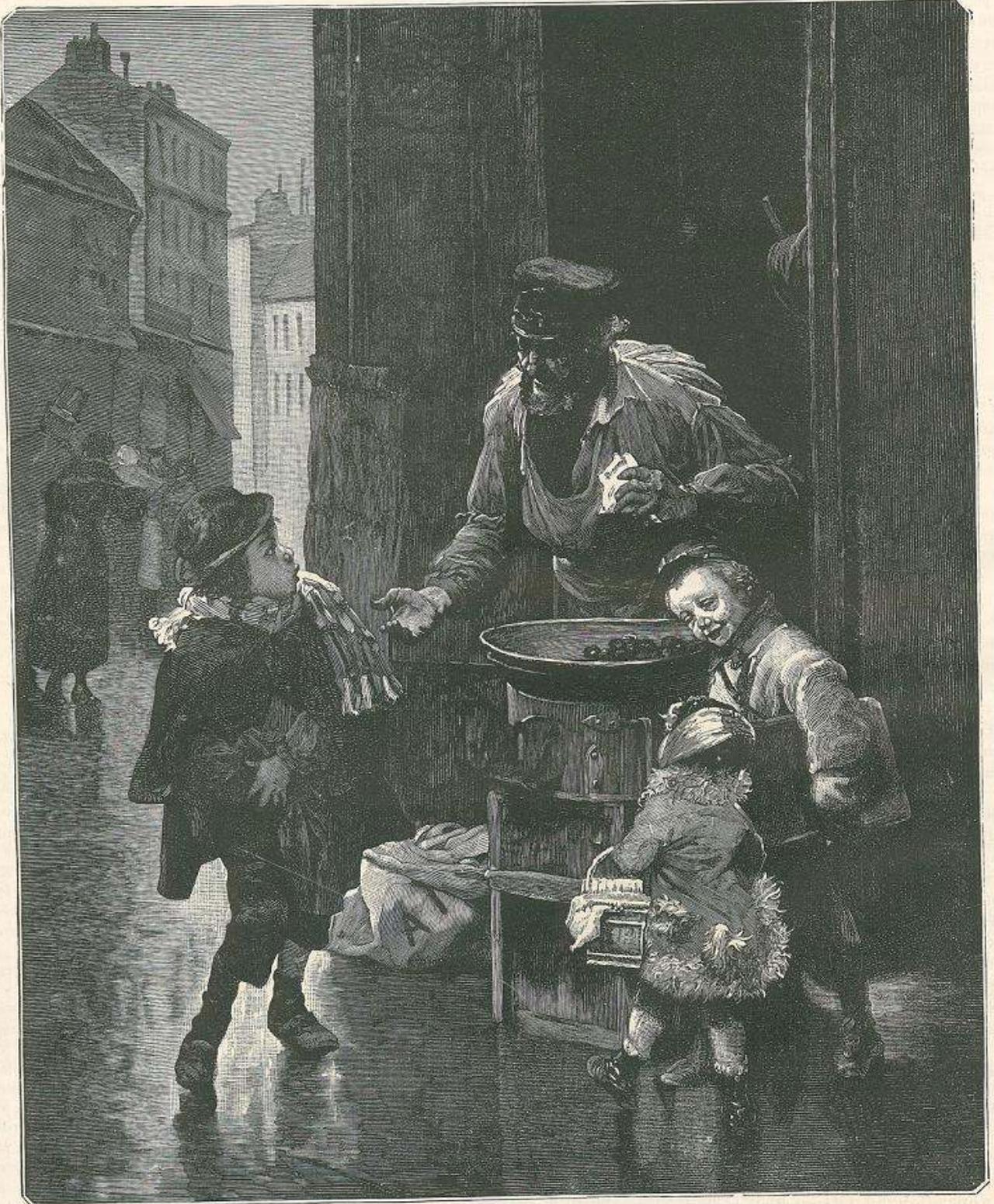
treito abraço que lhe havíamos dado, e já os jornaes começavam a dizer que o Pina também se ia embora, para Paris.

Sim senhor, exactamente esse Pina, que Alcobaga ha pouco ainda exportára para Lisboa, e que amanhã disputará orgulhosa... E' o Z. Segredo, o Marcello, o

do, a quem a morte exonerou do cargo de correspondente da *Gazeta de Noticias*. Vae substituí-lo, não sei bem se é esta a phrase.

Têm feições diversas estas duas physionomias da nossa litteratura moderna.

Guilherme era essencialmente um humorista.



O QUARTO DE HORA DE RABELAIS

rio, era digno, mas — era necessario um *mas*, mas era muito novo.

Eis o seu unico defeito. Não ter ao menos umas barbas... Fosse elle caréca veriam que excellente consul elle saia.

Patifes!

Ainda não tínhamos enxugado as lagrimas pelo es-

Mané, como quiserem, mas tudo isso somado dá Marianno Pina.

Conhecem-n'o? Dispensem-me de o photographar. Como plastica não se pôde dizer que seja um modelo, que a esculptura possa ali copiar as fórmas para um Adonis ou para um Hercules...

Marianno Pina vae substituir Guilherme de Azeve-

Marianno é essencialmente um colorista.

Ninguem como aquelle synthetisava n'um dito toda uma critica.

Poucos como este poderão dispôr de tão magnificas palhetas (não confundam!) para traçar uma paysagem.

As correspondencias para a *Gazeta de Noticias* hão de ter, portanto, um feito diverso d'aquelle que pos-

suíam, sem, contudo, querer isto dizer que estas serão inferiores áquellas. Cada escriptor tem a sua maneira. Pina não será nunca um humorista, e, contudo, será um magnífico critico, estabelecendo um certo plano, fixando um certo ideal.

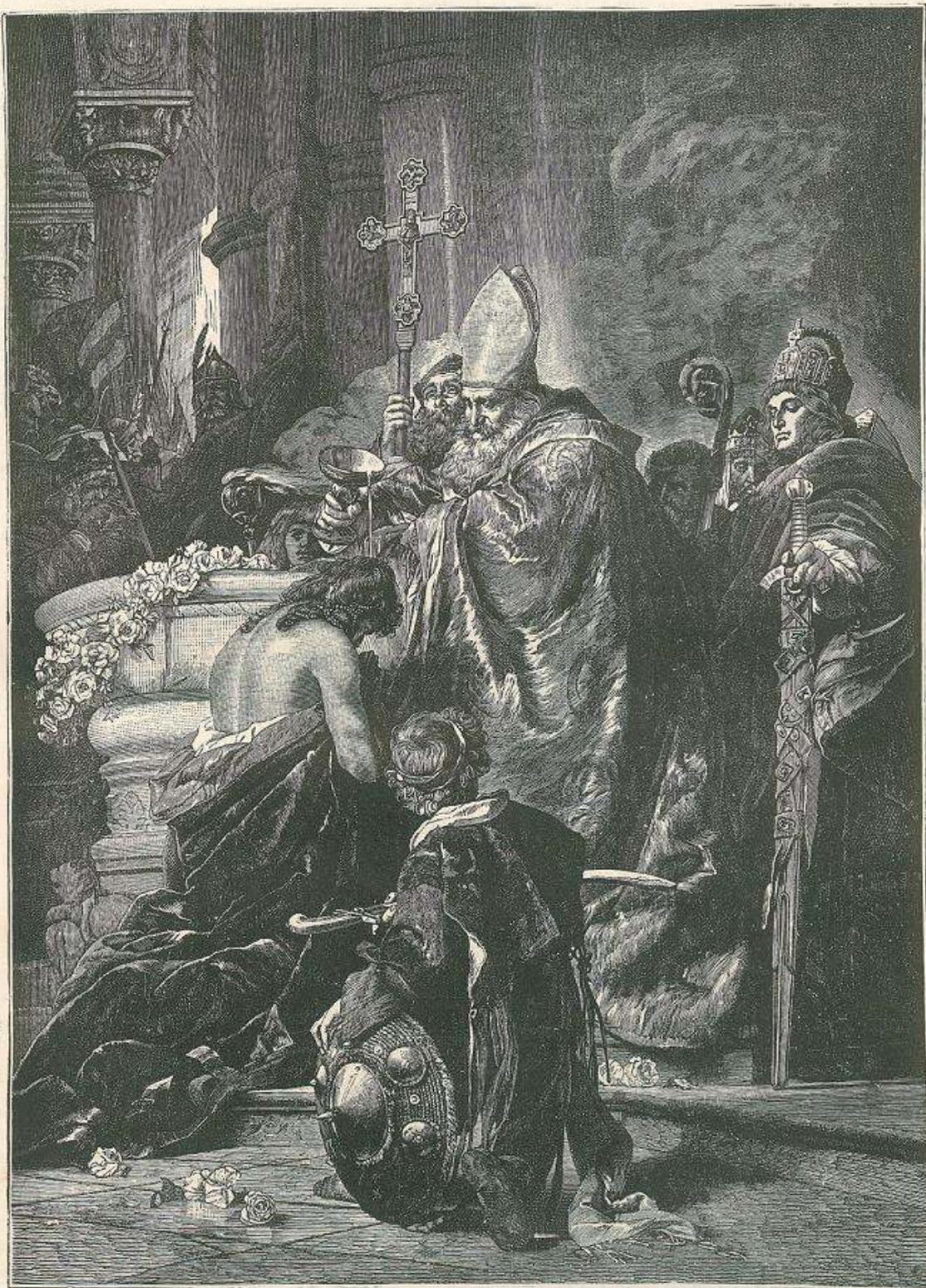
O seu livro sobre Paris conterá paginas extraordi-

Mas não é só no folhetim que Marianno Pina seguirá um outro rumo do seu antecessor; differem irremediavelmente a sua índole como litterato, e como homem.

E se o estylo é o homem, bem se pôde avaliar que enquanto Guilherme de Azevedo apreciava a sua vida retirada e obscura no meio de Paris, Marianno... bas-

Quem nos diz que o Pina não apparecerá um dia nas columnas do *Diario do Governo* estampado n'essa secção humoristica dos — titulos e fitinhas?

E, francamente, elle em Paris necessita d'uma fitinha vermelha para atravessar em noite de salsifré o palacio de Grevy, que a republica franceza, apesar da



O BAPTISMO DO PRIMEIRO REI DA HUNGRIA

narias de estylo; o seu espirito voluvel ainda, arrojado muitas vezes, hade assentar, precisar-se, definir-se clara e brilhantemente, em contacto com aquelle mundo caprichoso e agitado. Uma viagem tem um grande poderio sobre todas as organizações. Só um cerebro á prova de box e de couce, resiste indifferente a todas as impressões.

ta lel-o. As suas chronicas não serão feitas como as d'aquelle á meza d'uma *brasserie*, entre a gargalhada d'um companheiro estroina e o *bonjour* adocicado d'uma *petite courtisane*.

Guilherme afastou-se sempre do mundo official, nunca pensou nos salões do sr. Grevy, nem naas mercês que o governo faz a outrem...

pompa da sua legenda, aprecia muito *un monsieur décoré*.

— E depois ha de ser o Jayme tudo e eu nada? elle chapen armado, florete, farda, o posto de capitão de fragata, bandeira á janella, senhor consul, e eu... nada!? Não andam pela minha terra tantos empavezados arrastando os seus mantos de nobreza porque... Ora

porque arrastarão os seus mantos muitos *biscundes* e *varões*?

E elle gosta de trazer sempre uma rosa, ás vezes d'uma petulancia tal que chega a assustar Lisboa, e não ha sempre rosas, flores, tudo secco... ao menos com a fitinha de Christo na lapella... até ponnava di-nheiro.

Uma questão de economia, apenas.

Mariano Pina é verdadeiramente nervoso, febril, enthusiasma-se facilmente. Como elle terá percorrido Paris; um sabio entrando em Lisboa não tem mais *ahs!* e mais *ahs!* Eu farei o mesmo se um dia tiver de abandonar os cavacos da loja do Figueiredo...

Porque, diga-se sem réclame, foi este estabelecimento da rua Nova do Carmo que exportou estes dois litteratos para o seio da republica. E que seio? a alemtejana mais sadia não lhe leva a palma.

Tão cedo não teremos nas nossas palestras estes dois excellentes tagarellas, estes dois rapazes de vinte e tres annos... com tal talento e bigode que parecem ter muito mais.

A saudade d'esta ausencia tem um grande lenitivo, a que elle só resistiria se em vez da amizade fosse o egoismo que a provocasse. Porque, francamente, ao dar-se-lhes um aperto de mão de despedida ninguém preferiu estas phrases:

— Coitadinhos! acostumados a esta vida de rosas e elles ahí vão... como uns degredados para terras barbas.

Pina tem talento e ha de fazer um magnifico logar.

O primeiro que lhe fez réclame foi o sr. Camillo Castello Branco. O réclame foi tão forte que Pina esta em Paris. Saltou do *Diário do Commercio* a capital da França. Descançou um locado no *Diário da Manhã*, n'este itinerario especie de Cacem.

Rodeado de assumptos, de typos e de panoramas a a sua intelligencia tomará proporções gigantescas e nós teremos de romper muitos pares de luvas a applaudil-o.

Ainda bem.

Alcobaça, eu te satúdo.

CARLOS DE MOURA CABRAL.

O SEGREDO DE CLOTILDE

Ninguém desconhecia o segredo da velhice precoce do duque. Todos a sabiam filha da sua enorme paixão pela gentil marquezia de Lara, com quem fôra casado um anno apenas e que morrera deixando-lhe a interessante futura duqueza, a linda Clotilde, salva quasi milagrosamente do parto, fatal para sua mãe.

A vida do duque, desde esse dia, fôra uma continua saudade, que se alimentava, revendo na filha, feição por feição, dom por dom, a bella marquezia. Foi n'um baile que elle a vira, admirara e amára loucamente. N'esse baile, vestia ella um riquissimo costume de castellã. Mais tarde, o duque pedira-lhe a graça de se deixar retractar assim.

Era pois o retrato da marquezia o que pendia no gabinete de trabalho e deante do qual, como um namorado, o duque passava horas e horas, de saudoso enlevo, enquanto a pequenina filha lhe subia ao collo, para o beijar, ou o enredava com mil perguntas infantis, fazendo-o acalentar as suas bonecas, puxar os seus pequenos carros, armar-lhe os seus castellos de papelão, da Allemanha, introduzindo-o na vida do seu pequeno mundo, pueril, innocentemente edeal.

O duque repartira por estes dois affectos a sua vida inteira de viuvo. Nada, para elle, mais ideal do que sua filha; nada mais saudoso, santo e adoravel do que o retrato que pendia ha vinte annos,

como uma lagrima de sangue, no silencio do seu gabinete.

Clotilde completara vinte annos.

N'esse anno o duque quiz que o seu baile excedesse todos os passados. Exigira o costume, facultando a mascara.

De que te vestes, tu, Clotilde?

E' um segredo meu. Pego-lhe que m'o permita, sim?

Um segredo d'estado, incommunicavel? dizia o duque beijando-a. Nunca pretendeu desvendal-o.

O baile do duque, o mais aristocratico da capital tocara o maximo da animação. As ondas de luz corriam pelos collos nus das brancas patricias, cheios de palpitações lascivas. As valsas succediam-se, e os olhares dos convidados mergulhavam-se nas ondulações lacteas dos peitos tepidos e aromaticos das mulheres abraçadas. Os vinhos velhos e generosos começavam a excitar os nervos; as conversas multiplicavam-se, os bons ditos succediam-se, os amores adulteros expandiam se na liberdade das mascaras, escondendo a hora das entrevistas nas frases de galanteio, debaixo das notas que a orchestra espalhava pelas largas portas dos salões ducaes.

As flores exóticas ladeavam as escadas largas, de mogno, por onde um ferrugineiro humano perpassava. Estatuas brancas, de mármore, sylphides, nymphas, levantavam as suas formas typicas, os seus bellos corpos de voluptuosas hyperboles, por entre a folhagem triangular das heras. Nos intervallos das largas janellas, no centro dos salões, em pinhas fantasticas, dobravam-se as folhas esguias das palmeiras, sobre as corôas rubras de enormes camelias, envolvidas nos matizes variados das folhas das orchideas, que se estampavam como largas manchas iriadas, nas abertas nymphaes semelhando finissimas ventarolas chinezas de leite coagulado.

Ornavam os cabellos das aristocratas os diamantes do novo mundo e colibris de ouro finissimo, estrellejantes de pedras, enroscavam-se-lhe nos pulsos na languidez da volupia satisfeita. Nas casacas negras dos convidados brilhavam as insignias. As faxes de diversas cores, os fardamentos dourados dos cortezãos, as cores vivas dos antigos costumes fidalgos, punham n'este meio perfumado e fino que se movia, a nota viva, dissidente, alegre. Por toda a parte dezenas de grupos, agitavam-se, moviam-se. Os addidos das embaixadas valsavam loucamente, os litteratos fallavam de escandalos, os diplomatas, os grandes alliaates, cercziam o direito e o mundo.

Seriam onze horas e o duque não vira ainda Clotilde.

Como deve vir bella pela demora, dizia elle para si com um riso de pae desvanecido.

Pouco esperou. Da sala contigua adiantava-se para elle uma esbelta figura de castellã. O duque encarou-a e teve como que um deslumbramento.

Immovel, os olhos fixos, empalidecendo, viu-a approximar-se-lhe sem poder ir ao seu encontro, fascinado!

Termina no proximo numero.

MARCELLINO MESQUITA.

ROSICLER

Numero do *Intermezzo*
(HEINE)

(AO SR. RAMALHO RIGÃO)

Eram horas do chá. Eu torno á meza

A conversa cahira com presteza

N'um thema velho—o amor;

Sentimentaes, as damas discentiam
E os cavalheiros, placidos, faziam
Esthetica a primor.

O magro conselheiro docemente
—Deve o amor ser purissimo, innocente,
Com ar credulo diz...

E um ai! d'uma ironia convulsiva
Mostra na conselheira a imagem viva
De quem não é feliz.

Abriendo a larga boca desincedida,
O conego assevera, em voz sentida:
—O amor, sim, já se vê
Que, quando é sensual, destroe e mata...
E a donzella interroga timorata:
—Mas diga-me: porquê?

E, em seguida, a condessa illuminada
Murmura em voz dolente e avelludada:

—O amor é uma paixão,
E uma chavena—emquanto isto dizia—
Apresenta com doce cortezia
Ao visinho barão.

Mas havia na meza um logar vago,
Faltava ali o teu celeste afago,
Minha adorada flor!

Como tu, se estivesseas, exporias
Tambem as tuas limpidas theorias
A respeito do amor...

1882

JUAQUIM DE ARAUJO.

HORAS D'OCIO

Charadas Novissimas

Causa nojo este poderoso rei—2. 2.

Nota n'este berço o vasio—1. 2.

Detem-te, porque não és a incarnação d'este guerreiro—2. 1. 2.

JOÃO MANUEL RODRIGUES DE PASSOS

Logographo enygmatico

Leitores, segunda e terceira
Na primeira encontrareis;
E nos campos com certeza
O meu todo vós vereis.

OCIOSOS DE CAÇADORES 4.

Pergunta indiscreta

Qual é o estado europeu que tem chefe mais glorioso?

JUANITO.

Nota.—Por falta de espaço não publicamos as soluções do numero 13, o que faremos no proximo numero.

UM PASSADO TENEBROSO

(ROMANCE PELO AUCTOR DA HEROINA DO MAL)

(Continuado de pag. 1. 0)

XIII

O visconde vio perfeitamente a mulher rasgar a carta e atiral-a ao fogo; e a commoção violenta que elle experimentou, quando appareceu o marido, certificaram-no de que havia ali algum mysterio.

—Que susto, Donaciano!

—Comprehendo; mas diz-me...

—O quê? perguntou Paulina, muito tremula.

—Sempre queres sahir?

A viscondessa respirou.

—A minha vontade é a tua; se quizeres que eu saia, saio.

—Não encontrei San Marco, e prometti voltar... Elle está á minha espera.

—Por minha causa não te incomodes; é-me indifferente sahir ou não.

Donaciano tinha os olhos fitos no fogão, ao lado do qual estava intacto um pedacinho de papel, que se não tinha queimado. Apanhou-o, sem que a mulher visse, e prevenio-a de que só voltava para jantar.

O caso parecia-lhe grave; mas não disse coisa alguma com a esperança de que o papel lhe desse esclarecimentos. Encontrou apenas as seguintes palavras: «dentro de pouco tempo.»

E' facil adivinhar debaixo de que impressão chegou ao hotel, em que vivia San Marco.

—Meu caro, disse elle, é preciso não recuar. A minha salvação e a tua dependem do projecto, em que te fallei hontem. Tenho boas razões para supôr que minha mulher vae ser mettida no trama urdido contra nós.

E contou-lhe o que se acabava de passar.

—E' talvez exaggeração tua; mas... pôde ser; não ha nada mais perigoso do que um advogado patife como o tal Morlant.

—Elle move-nos uma guerra de morte; quer a minha cabeça e a tua. Pois bem; appliquemos-lhe a pena de talião. Pensaste no que te propuz hontem?

—A primeira coisa que fiz hoje foi ir a casa de Celestina ver o tal quarto. Estudei a topographia dos aposentos do advogado, e, francamente, o teu plano é inexequivel. Eu nem por cem mil francos me arriscava a semelhante coisa.

—Mas ouve...

—Não percamos tempo em discussões ociosas.

—Não mudo de resolução, de mais a mais, tenho um plano melhor.

—Então falla.

—Paulo Gibraltar está outra vez em Bruxellas, apezar das promessas que fez ao velho Desherbiers. Massava-se em Londres, diz elle, e dava-se mal com o clima; porém eu creio que elle veio explorar a bolsa do teu querido avósinho.

—E' outro que preciso pôr fora de combate, exclamou o visconde.

—Isso é caso à parte; escuta: Gibraltar estava em companhia d'um sujeito, a quem dei-tei logo o olho para o negocio de Morlant. E' useiro e vezeiro n'essas proezas, que, graças às circumstancias attenuantes, renderam-lhe só um degredo para Cayenna, d'onde conseguiu escapar-se, voltar a Paris, e viver muito considerado em Belleville com um nome supposto. Por uma quantia razoavel, temos d'elle o que quizermos. E' preciso esperar a occasião.

—Esperar! mas eu estou sobre um volcão!

—O advogado é pruente, e não faz nada sem tempo. Eu vou alugar o quarto, com o nome de Henry Maubray, Esquire, e sabes que tenho documentos para defender a posse de tal nome. Hei de grangear a confiança de Celestina, e estudar bem o caracter do inimigo. Elle ha de ter, como toda a gente, um lado vulneravel. Por ahí é que o havemos de apanhar. E depois... A'vante Vital Malescot!

Ah! esqueceu-me dizer-te que é o nome do sujeito em que te fallei. E que tal?

—Em ultimo caso, seja. Mas não percas o teu ex-habitante de Cayenna: é preciso tel-o sempre à mão.

XIV

No dia seguinte de manhã achava-se o italiano San Marco, metamorphoseado em inglez, conversando com Celestina de Trénoy, n'um dos quartos do rez-de-chaussée da casa d'ella.

Como cavalheiro, veio significar-lhe a satisfação,

que tinha, vendo-se tão bem alojado, com uma cama tão fofa, e tão bem servido.

A franceza, lisonjeada pelos cumprimentos, pediu-lhe que se sentasse, e entabou uma agradável conversação com o supposto filho do reino unido.

Quando, ao cabo de meia hora, o novo hospede ia para sahir, oviram-se tres pancadas à porta, e Celestina foi abrir.

Era René Morlant, que vendo o estrangeiro, queria retirar-se.

—Entre, sr. advogado, disse a viuva com amabilidade; não é indiscrição; é o *gentleman*, de quem lhe fallei.

Appresentou os dois sujeitos, que trocaram entre si palavras de cortezia. Terminadas estas, René Morlant disse à viuva:

—Minha senhora, vinha pedir-lhe umas pequenas informações. Conheço já soffrivelmente Bruxellas, mas desconheço de todo em todos os arrabaldes. Desejava lazer algumas excursões em quanto a estação é favoravel. Tenho apontado diversos logares, em que ha bonitas ruinas... Eu adoro as ruinas... de pedra... Fallaram-me com grande entusiasmo de um castello, e estou com vontade de o ver.

—E' naturalmente o castello de Beersel. Vale a pena visital-o.

—E como se vae até lá?

—Nada mais simples; compra-se bilhete na estação do sul para ir a Lotb; e depois é tomar à esquerda por um caminho, lindissimo no verão, e que toda a gente lhe ensina. Vae só?

—ó; é quando estou mais acompanhado.

—Mas não parte hoje?

—Não; amanhã depois do almoço.

San Marco folheava entretanto um livro com um fleugma verdadeiramente britânico. Mas o coração batia de prazer. Não é difficil saber porquê.

De repente fez uma cortezia à viuva e ao advogado, e sahio sem dizer palavra. Dirigio-se para o seu quarto, e minutos depois percebeu que o visinho fizera o mesmo.

—Per bacco! exclamou o italiano; nascemos debaixo de uma optima estrella! Tudo nos corre às mil maravilhas. Este maroto d'este adogvado tem uma ideia, que o põe à nossa disposição, e elle proprio se encarrega de declara-n'a por sua boca... As ruinas d'um castello velho!... Pode lá haver nada melhor!... Amigo Malescot, podes ganhar o teu dinheiro sem a minima difficuldade. Espera lá e se eu mesmo fizesse o negocio! Era uma partida dobrada! Mas nada... nada d'imprudencias por tão pequeno lucro. Vamos contar a Donaciano esta maravilhosa novidade.

Ficou ajustado entre San Marco e Donaciano que o primeiro iria a Beersel estudar o logar. Foi no comboio da hora e meia, e de tarde já estava outra vez em Bruxellas combinando com Malescot. Este devia sahir no dia seguinte muito cedo, e postar-se em um ponto, que René Morlant iria vel-o.

Em torno do castello ha um fosso, que durante a primavera fica atapetado de margaridas e myosotis, e o aspecto das ruinas realisa do modo mais completo e pittoresco o typo d'aquelles velhos vestigios feudaes destinados a ser theatro de acontecimentos extraordinarios.

René Morlant partio às dez horas, e por um sentimento de prudencia levava consigo um revolver, além da bengala.

XV

Calcule-se o contentamento de Valenson, quando na ausencia de Rotentout, que partira para Bruxel-

las a chamado de René Dorlant, vio entrar em casa Anna Pèchel, que vinha cumprir a promessa.

O amputado quiz que a velha creada almoçasse na sua companhia, e propoz-lhe que ficasse morando em sua casa.

—Será possivel! exclamou ella. Será possivel eu, depois de o ter trazido ao colo, venha aos sessenta e quatro annos a tratal-o como um dos filhos, que Deus me não quiz dar! Aceito da melhor vontade.

—Então fique morando aqui, disse Valenson, enxugando uma lagrima. O que espero é que se dê bem com João Rotentout.

—Eu nunca briguei senão com mulheres; gostei do João logo que o vi.

Como homem experiente, Valenson teve de ouvir uma interminavel narração de tudo o que a velha tinha passado, notando que fallava dos dois maridos muito por alto. Depois do jantar disse-lhe:

—A vida é cheia de peripecias extravagantes. Se você não tivesse ido a Sillery visitar os Pèchel, não estava aqui hoje. Convide-os para virem cá.

—Eu tratar com semelhante gente! Deus me livre. Fui vel-os, porque, não podia deixar de ser. Aquillo é má raça.

—Espero que o seu primeiro marido fosse uma excepção.

—Qual! era um diabo! Os seis annos, que fomos casados, passei-os no purgatorio. Por ultimo deixou-me viuva sem um soldo, e com um filho.

—Você tem um filho?

—Tenho e não tenho... eu lhe conto.

XVI

Anna Pèchel tomou uma pitada, e principiou:

—Christovão (era o nome d'aquelle maldito) veio de Sillery para Montmédy onde moravamos, trazendo um rapazito de dez annos filho de um irmão, que tinha morrido pouco tempo depois da mulher. Christovão tinha pessimo comportamento, mau character, mas bom coração. Teve dô do pequeno, e sabendo que eu ainda havia de ter mais, trouxe-o para casa. Não puz a menor duvida porque Claudio era um amor; não se podia ver o rapaz sem morrer por elle, muito sympathico, escrevendo como um anjo, e lendo fosse em que livro fosse tão bem como o cura lê a missa. Mezes depois, morre o tio, e ficou eu com o rapaz às costas.

—Foi uma consolação para você.

—Mas o rapaz, ou porque andasse em más companhias, ou porque fosse máo de si, principiou a dar-me desgostos sobre desgostos. Não queria aprender officio nenhum, e indo eu servir n'uma casa porque o tomaram para groom, o rapaz não queria saber senão dos livros, que havia no castello. Leu tudo. Um bello dia fez das suas, e fomos despedidos. Estou a massal-o...

—Pelo contrario, disse Heitor.

—Elle tinha então quinze annos, foi para casa de um droguista, depois para um café, e um freguez que sympathisou com elle, tomou-o para secretario' era um agiota, que devia ter costas muito complicadas. Depois da morte do usurario Claudio vivia regaladamente, dizendo que o patrão lhe dera uma boa maquia.

Em seguida foi contratado por um principe russo, com quem viajou pela Inglaterra, Italia, Alemanha, por toda a Europa. Quando o tornei a ver não o conheci; parecia um personagem. Mais tarde, quando depois de larga ausencia me reapareceu, não tinha nada; eu dava-lhe dinheiro, e o ingrato ao ver-me casada em segunda nupcias jurou que

não tornava a pôr os pés em minha casa. Porém logo que soube que eu tornára a enviuar, deu-me mil desculpas, visitou-me frequentes vezes, mas o que elle queria era sempre dinheiro e mais dinheiro. A ultima vez, que me procurou, foi em companhia de um homem pessimo, de grande barba preta, um diabo. Demorou-se pouco, mas a visita custou-me caro. Dei-lhe quinhentos francos, porque ultimamente Claudio fazia-me medo; era taciturno,

E não concluiu.

—Desde quando? perguntou o mutilado.

—Talvez ainda lhe conte; mas agora falta-me a coragem...

Heitor Valenson comprehendeu que não devia insistir, mas disse á creada mostrando-lhe um album de photographias.

—Veja hem estes retratos; conhece algum?

A velha, depois de observar disse que não.

Instantes depois, veio uma creada entregar-lhe uma carta de Bruxellas, em cujo sobrecripto Valenson reconheceu a letra de Rotentout.

Heitor abriu-a precipitadamente, e inclinou-se muito para lêr, como fazem os myopes.

As primeiras linhas produziram-lhe tão viva commoção, que elle cahio de cabeça para deante sobre duas cadeiras.

Ficou uns minutos como inanimado; mas conse-



UM PASSADO TENEBROSO — Dôr e desespero

desconfiado, irascivel; eu tinha o presentimento de que ali andava grande embulhada...

—Está impressionada, Anna, disse Heitor.

—E' natural. Eu era muito amiga d'elle, e talvez pela minha brandura concorresse para a sua desgraça.

—E agora o que faz elle? onde está?

—Não sei, respondeu a velha soluçando. Nunca mais me appareceu desde-que...

—O quê? tornou elle mostrando o de Donaciano, nem este?

—Sim... este parece-se um pouco com meu sobrinho; mas muito pouco.

Heitor Valenson tapou a cara com as duas mãos, e assim ficou alguns momentos.

—O sr. Heitor ha de me dar licença de ir ver a casa.

—Vá; de mais a mais eu preciso de escrever.

guiu levantar-se, e apoiando-se nos dois cotos da perna, que lhe ficaram, ergueu as mãos e os olhos para o ceo, exclamando com a expressão da dôr e do desespero.

—Meu Deus! meu Deus! porque me feristes com um golpe ainda mais terrivel do que todos os outros?

(Continua).